



**CRIAR
(NA)
CIDADE**

Lagoa 2019

VIII Congresso nacional
da rede territorial portuguesa
das cidades educadoras

**15 a 18
de maio
de 2019**



TEMA 1. CRIAR (NA) CIDADE

A proposta deste tema surge inspirada pelos 50 anos do “Direito à Cidade”, livro da autoria de Henri Lefebvre, de reconhecido impacto nas visões e reflexões sobre a Cidade, sobre o direito à Cidade, e posteriormente sobre o direito à Cidade Educadora.

Em Portugal, este livro só conheceu uma primeira edição em 2012, com prefácio do sociólogo Carlos Fortuna tendo esgotado rapidamente. No final do ano de 2018 foi realizada a 2ª edição em língua portuguesa.

Pretende-se aqui apresentar uma proposta aberta, que permita múltiplas leituras, inspire e não limite, seja a reflexão teórica, a participação dos autarcas das Cidades Educadoras Portuguesas, ou as experiências e boas práticas a projetar.

Convocam-se os percursos da criação, as múltiplas formas de habitar, a criatividade, a educação pela arte, a cultura na cidade, enquanto componentes de um sistema de redes que operam numa Cidade Educadora.

A arte e a educação são campos que se encontram desde sempre interligados. A arte é um veículo essencial para a aprendizagem ao longo da vida. O estudo e o contacto com a Arte, projeta em todo o ser humano uma ambivalência e despertar dos sentidos, que não se podem imiscuir do próprio desenvolvimento da pessoa no seio de uma sociedade.

Nesse espaço de interação encontramos ambientes geradores de emoções e que se distinguem pelas suas características muito próprias. A cidade, a periferia, os espaços urbanos e rurais que educam e que manifestam “per si” expressões artísticas daqueles que os habitam.

Criar cidade relaciona estes dois conceitos, a Arte e a Educação, dando-lhes a verdadeira dimensão da criação na cidade educadora, enquanto espaço habitacional e de convívio.

Artes plásticas, artes musicais, artes performativas, arte urbana, convivem entre si, desempenhando um papel fundamental a par da educação formal. Estas várias dimensões que se constroem no direito de viver e criar a Cidade, formam pessoas criativas, autónomas, com sentido crítico e reflexivo, favorecendo uma participação igualitária e de respeito por todos e todas no acesso à educação e formação ao longo da vida.

TEMA 2. PERIFERIAS

Ambientes criativos nas periferias; espaços alternativos. A periferia é uma alternativa ao centro. É lugar alternativo de construção social de cidade.

Interessam os artistas diaspóricos, arquitetos dissonantes e outras tipologias caracterizadas pela diferença. Tomando o termo cultura e relacionando-o com a contracultura e a subcultura, a proposta é retirar a totalização implicada no conceito de cultura (...) abdicando da submissão de várias subculturas a um grau de cultura superior. Tal modelo não funciona mais. A dicotomia cultura hegemônica e cultura subalterna dissolveu-se, notadamente, a partir dos anos 90. Por outro lado, as culturas que chamamos de "extremas" são policêntricas, movidas pelo afeto. (...) Se a cultura se ligava à expressão do caráter nacional, a subcultura herdava os limites do conceito de cultura de que era parte. Referindo-me às comunidades periféricas a partir deste questionamento, pergunto se não existe uma perigosa homogeneização quando falamos de tais grupos, efervescentes de diferenças que absolutamente não coincidem com as versões mediáticas uniformizantes para o bem ou para o mal. Para afastar o perigo das diferenças as ciências sociais estruturaram-se em torno da defesa da identidade, selecionando o homogêneo em detrimento do heterogêneo, uniforme contra o fragmentário, o singular contra o plural, as conexões contra as disjunções.

a) " O habitar é desde sempre um morar perto das coisas. (...). Deveríamos apreender a reconhecer que as coisas são os lugares e não somente pertencentes a estes. (...). As coisas de tal forma são lugares, que são as coisas que determinam os espaços. " (Heidegger citado por Felice, 2012)

b) As Periferias reclamam "uma ecologia dos saberes" e "as reinvenções dos Lugares"

"Os limites e as possibilidades do que cada saber residem assim, em última instância, na existência de outros saberes, e por isso, só podem ser explorados e valorizados na comparação com outros saberes.

Quanto menos um dado saber conhecer os limites do que conhece sobre os outros saberes, tanto menos conhece os seus próprios limites e possibilidades" (Santos, p. 489).

Propomos aqui considerar os saberes como coisas ou produtos dos lugares habitados. Nesta perspetiva não existem periferias, mas tão só lugares.

TEMA 3. CIDADE E REDES

As cidades são tecidas por redes. As redes forjam e são forjadas na intimidade das cidades. São as suas veias, frequentemente impercetíveis, mas geradoras de vivificação.

É nas redes que se constroem ligações e relações. Os nós, nós pessoas, somos a estrutura das redes. A participação, a indiferença, a indignação, a ausência, o olhar, a voz, configuram e (re) definem as redes. São os nós que dão ou tiram consistência e força às redes.

Nas redes comunicamos conhecimento, políticas, disponibilização de dados, propriedade intelectual, patrimónios - cultural e outros. Desenham-se opções. Propõe-se e rejeita-se. Inclui-se e exclui-se.

No mundo real e no virtual, urge conhecer, saber mais sobre as redes em que nos inscrevemos. Como aderir, participar e gerir. Para gerar mais consciência e transparência sobre o que somos e o que queremos ser.

a) " A expectativa da Era da Informação representa o desencadear de uma capacidade produtiva jamais vista, através do poder da mente. Penso, logo produzo. Com isto, teremos tempo disponível para fazer experiências com a espiritualidade e o ensino de nos reconciliarmos com a natureza, sem sacrificarmos o bem-estar dos nossos filhos."(Castells, 2003, p. 487)

b) " Em *Filosofia Mestiça* Michel Serres atribui as redes digitais à criação de um real heterogéneo no interior do qual ' a complexidade já não é um obstáculo ao conhecimento, ou pior, um juízo descritivo, é o melhor dos adjuvantes do saber ' . (...) A forma de rede gera um habitar mestiço, complexo e mutante, que resulta na suspensão das distinções entre indivíduo, informação e paisagem." (Felice, p.176)